



**Programa de Pós-graduação em História Social**

# **IPATINGA: AÇO, SUOR E SANGUE**

## IPATINGA: AÇO, SUOR E SANGUE

*No dia sete de outubro de 1963, aconteceu na cidade de Ipatinga, Minas Gerais, uma ação criminosa em represália à manifestação dos operários da empresa Usiminas.*

*A ação, conhecida como Massacre de Ipatinga, é uma mancha negra na história da cidade. Trabalhadores reunidos, em sinal de protesto contra a violência da Polícia Militar de Minas Gerais, foram reprimidos a tiros. Até uma criança, no colo da mãe, que não participava do movimento, foi assassinada. Segundo testemunhas da época, foram mortas mais de trinta pessoas.*

*A lista oficial aponta sete mortos no dito confronto entre operários e policiais militares.*

*A cidade de Ipatinga está localizada na microrregião do Vale do Aço, leste de Minas Gerais, com uma população de aproximadamente 227 mil habitantes, extensão territorial de 166,56 Km<sup>2</sup>, 35 bairros oficiais, clima tropical subquente e subseco, temperatura média anual de 24°C, banhado pelos rios Piracicaba e Ribeirão Ipanema.*

Ipatinga é hoje uma cidade de porte médio. O município teve e tem seu desenvolvimento diretamente ligado a expansão da Usina Siderúrgica de Minas Gerais (USIMINAS).

A Usiminas foi o marco inicial que provocou as transformações sociais ocorridas desde o início de sua construção em 1958, sobretudo pela produção de aço e pela concentrada geração de empregos.

A cidade possui 410 empresas no setor primário (indústria), 4305 no secundário (comércio) e 2048 no terciário (prestação de serviços).

Tem uma ótima infra-estrutura, uma área verde de 127 m<sup>2</sup> por habitante.

O esgoto urbano coletado é tratado e toda água consumida na cidade é devolvida limpa de volta para natureza. Possui um aterro sanitário, que é um dos dez mais modernos do país.

Mas... não foi sempre assim.

A cidade não nasceu cidade, era apenas uma estação ferroviária que ligava as cidades de Itabira-MG à Vitória-ES.

O Vale do Rio Doce já possuía a Companhia Belgo Mineira de João Monlevade, a ACESITA em Timóteo, e teria a USIMINAS, completando o seu círculo siderúrgico. Isso, em abril de 1956, quando a empresa é constituída (fundada em 03/06/1957).

Audacioso projeto daquele momento econômico nacional: “os cinquenta anos em cinco”, do então presidente mineiro Juscelino Kubitshev.

Ipatinga seria a cidade-sede do maior parque da indústria siderúrgica da América Latina.

A empresa, fundada pelo acordo “Hori-Kochi-Lanari”: 40% de capital japonês, 60% de capital brasileiro.

A escolha do lugar deve-se às facilidades encontradas na região. Comunicação terrestre com grandes centros e com as zonas fornecedoras de carvão mineral e minério de ferro. Facilidade de escoamento da produção, através da ferrovia Vitória-Minas. E também da obtenção de energia elétrica e de água.

A empresa era a prioridade do governo de Minas Gerais e do presidente da República em sua meta de crescimento e desenvolvimento do país naquele momento de abertura ao capitalismo internacional. Assim, em 1958, é lançada a “pedra fundamental” da Usiminas, na presença de Juscelino Kubsticheck.

Para a construção da Usiminas, de 1958 a 1962, foram recrutados um contingente de aproximadamente 10 mil pessoas. Ipatinga, que era um distrito da cidade de Coronel Fabriciano, contava com 300 habitantes e 60 casas, demonstrando que as condições do lugar eram precárias. O lugar não estava preparado para receber tanta gente ao mesmo tempo. As acomodações, alimentação, serviço de saúde e transporte não eram suficientes e de boa qualidade.

A partir de 1958, com a chegada das primeiras máquinas para construir a siderúrgica, a história da pacata vila começa a mudar e a dividir em duas: a população antiga e os trabalhadores de fora.

A Usiminas, já na implantação, pretendia ser a maior e mais moderna siderúrgica do país. Construiu nove bairros inicialmente para atender seus funcionários. Cada um desses bairros foi tratado como uma unidade de vizinhança autônoma.

Em compensação, o outro lado da cidade foi crescendo em um amontoado de barracos, sem planejamento urbano. Trabalhadores das empreiteiras, recrutados sem critérios de seleção. As empreiteiras ofereciam mundos e fundos e, quando o trabalhador chegava em Ipatinga, tinha que se submeter às condições que, então, lhe eram oferecidas, muitas vezes, não podendo nem voltar para terra natal.

Existiam alojamentos num bairro chamado Candangolândia, moradias subumanas, sem nenhum conforto. Não havia diversão e esses trabalhadores eram submetidos a tratamentos desumanos pelos policiais militares que faziam a guarda do distrito.

Em 1961, os trabalhadores seguiam para Ipatinga com a certeza de que iam comer mal, morar mal, só iam ser bem pagos. Prometiam muito, mas as empreiteiras atrasavam o pagamento e era a maior quebraadeira. Greve não, era proibida na época.

Não havia um sistema adequado de transportes, escolas e outras condições necessárias para que o trabalhador tivesse um tratamento digno com a sua condição de homem livre.

As relações de trabalho eram de desrespeito ao que era proposto pelas empreiteiras, e a submissão dos trabalhadores ao que lhes era imposto.

O caso era tão grave que a cidade foi até dividida ao meio por uma extensa cerca de arame farpado, 12 fios, ficando apenas uma passagem da largura de um caminhão, por onde passavam os habitantes naturais de Ipatinga em direção à Coronel Fabriciano. A cerca foi removida depois.

A água usada no distrito era comprada em carroças e corpos humanos eram encontrados no meio do mato.

A usina tinha seu próprio abastecimento de água, para a fábrica e os bairros construídos de forma hierárquica para seus funcionários. Cada bairro para uma determinada classe de trabalhadores: bairro destinado a engenheiros, outro para técnicos, chefe de sessão, supervisor, etc.

Em 1963, Ipatinga não era um espaço urbano e, sim, um pátio da fábrica. A referência de endereço era a Usiminas.

Quanto às relações entre empregador e empregados, não eram muito amistosas.

Os encarregados das empreiteiras tinham como função tomar conta dos peões, nome usado para designar os operários. Uma tarefa que faz recordar os antigos feitores, ou melhor, compará-los aos tais pelo tratamento nada respeitoso para com seus subordinados.

A cavalaria montada da Polícia Militar mantinha a ordem, mantida a qualquer custo, por soldados rudes e mal educados, cuja autoridade era a fama e a violência. Auxiliavam o grupo de vigilância nas portarias da USINA. Os vigilantes também eram pessoas desqualificadas, aliás, qualificadas para a tarefa de oprimir os trabalhadores. Então, esse trabalhador apanhava no trabalho, na fila do cinema, dentro do bandeirão (na hora da refeição), dia de domingo, em casa dormindo, depois de uma jornada exaustiva de trabalho. Até na zona boêmia, Juá, única diversão da época, o operário era abordado pela polícia, com violentos golpes de cacetetes. Quem fosse encontrado sem a carteira de trabalho era preso e submetido a uma sessão de pancadaria. A ordem tinha que ser mantida, o lugar estava cheio de “comunistas”.

Quem chegasse ao restaurante às 11 horas se assustaria com a cena; os operários sentados no chão, sol quente, comida ruim e vigiados. Os vigilantes e a polícia à paisana estavam em toda parte.

O trabalhador chegava à empresa em cima de caminhões. Ao entrarem ou saírem, eram revistados, maltratados, humilhados, tratados com violência pelo corpo de vigilâncias que tinham estilo fascista.

Houve casos de tortura de funcionários em pau-de-arara e outros métodos, acusados de terem roubado o pagamento do colega, foram torturados dois dias na delegacia; quem foi visitá-los, ficou preso também. O funcionário denunciou à promotoria de Coronel Fabriciano e foi demitido.

Estava assim, sendo preparado o terreno para a terrível chacina: a Cavalaria Montada e o grupo de vigilantes faziam sua opressão às claras, enquanto agentes secretos trabalhavam na produção à espreita de comunistas infiltrados.

Enquanto a maioria dos trabalhadores era tratada com discriminação, existia um grupo privilegiado que tinha permissão para usar os ônibus, o clube da USIPA.

Depois de varias reivindicações dos trabalhadores, a Usiminas passou a fornecer um litro de leite e merenda para o trabalhador noturno. A maior parte dos operários levava o leite para casa, para ajudar no sustento familiar. Então, o corpo de vigilância, orientado pela direção da empresa, resolveu proibir a saída de leite da usina.

No dia 06 de outubro de 1963, às 22 horas, término de mais um turno de trabalho, os caminhões que transportavam o pessoal, só esperavam 10 minutos. O corpo de vigilantes atrasa a saída. Ninguém sai com leite. Um tiro é disparado contra o litro de leite de um trabalhador. Foi a gota d'água que faltava para transbordar. Melhor, a gota de leite. A revolta da massa de trabalhadores foi conjunta. O portão foi aberto à força, alguns saltavam a cerca. Os vigilantes não conseguiram conter os operários que estavam afobados para não perderem os caminhões e mandaram chamar a Cavalaria Montada. Quando a cavalaria chegou, espancou e prendeu quem estava na portaria, mandando também chamar os outros em casa, nos alojamentos.

Rapidamente a polícia chegou ao alojamento Santa Mônica, onde os operários já estavam dormindo, cansados da jornada diária de trabalho e humilhação. Alguém vigiava, e tocou uma corneta avisando da chegada da polícia. Móveis serviram de barricada e os operários se prepararam para o enfrentamento. A cavalaria buscou reforço e houve uma longa troca de tiros. Entre os operários havia garruchas, revólveres e alguns fuzis. Um cavalo

morreu e um soldado saiu ferido. Como os policiais não conseguiram nada no Santa Mônica, foram atacar o alojamento Chicago Blitz.

O Chicago Blitz não resistiu e todos os operários foram arrastados para a rua e submetidos a torturas. Um operário morreu no interior do alojamento. Chovia, e os trezentos homens, depois de torturados, foram obrigados a deitarem no chão molhado com as mãos na cabeça. Foram, então, pisoteados e riscados pelas espadas dos soldados, que, em alguns casos, urinaram em alguns operários. Depois, seguiram para a prisão.

Nas primeiras horas do dia 7 de outubro, o engenheiro Gil Guatimosin foi ao quartel do destacamento e conseguiu a libertação dos trabalhadores.

Após saírem da prisão, os trabalhadores seguiram para o Santa Mônica e relataram o acontecido para os colegas.

A revolta estava pronta, vários discursos foram feitos e, agora, a principal reivindicação era a retirada da polícia e substituição do corpo de vigilância e greve geral.

Pela madrugada os operários fizeram vários piquetes de greve e passaram a percorrer as instalações externas da empresa.

A empresa pediu o comparecimento dos soldados às suas instalações. Os soldados passaram a madrugada tomando cachaça com pólvora, que era para dar valentia. Chegaram à empresa num caminhão, carregando uma metralhadora de tripé, revólveres 45, fuzis e granadas.

Pelas oito da manhã, a multidão aglomerada na porta da Usina era de aproximadamente dez mil pessoas.

Uma onda de protestos começa. O tenente Jurandir avisa que vai abrir fogo se não entrassem para trabalhar.

Do lado de fora, discussões, ofensas e vaias; do lado de dentro, uma comissão de operários se reunia com a diretoria da Usina.

Após um sinal do tenente Jurandir, os policiais se colocaram em posição de ataque e atacaram.

Ninguém acreditava que era de verdade, um fotógrafo amador havia batido um filme inteiro quando foi atingido; só se ouvia o matraquear da metralhadora e corpos subindo e se deslocando no ar. Um cego mendigo foi atingido. Um trabalhador tentou pegar um policial por trás e tomar-lhe a metralhadora, foi atingido por um fuzil. Em seguida, os soldados foram se retirando e atirando em qualquer direção. Metralharam uma menina de três meses.

Segundo testemunhas da época, houve mais de trinta mortos, alguns falam em mais de 90.

Operários revoltados jogaram um morto sobre a mesa do chefe geral da Usina. Houve quebradeira, incêndios, durante alguns dias. No dia 9 de outubro de 1963, os trabalhadores incendiaram a cadeia pública.

A imprensa noticiava, os inquéritos começaram, os policiais foram presos.

Na tarde do dia sete de outubro, o governo do Estado distribuía versão para a imprensa:

*“A par de todos os acontecimentos e de todas as providencias tomadas, pôde o governador do Estado verificar o caráter absolutamente acidental e o sentido estritamente local do lamentável episodio.”*

Conclui a nota:

*“A diretoria da USIMINAS lamenta comunicar que houve, na manhã de hoje, grave atrito entre seus operadores, operários de firmas empreiteiras e elementos do destacamento da*

*Polícia Militar, com sete mortos e vários feridos.”.*

A usina se comprometeu em rever seu quadro de vigilante, a realizar um inquérito administrativo, exercer humanamente o controle de entrada e saída dos trabalhadores, etc.

Em 1964, veio o golpe militar, os operários mais politizados foram presos ou caçados por toda a região. As entidades sindicais foram fechadas. Os operários, de vítimas, passaram a ser réus. Os soldados foram expulsos e os oficiais foram promovidos, e ninguém mais falou sobre o assunto até o fim do regime militar.

## FONTES CONSULTADAS

ASSIS, Cláudia do Carmo. *O massacre dos operários de Ipatinga, de 1963: reminiscência das testemunhas oculares*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Severino Sombra, Vassouras, Rio de Janeiro, 2006.

DINIZ, Ligia Garcia. *Viver em Ipatinga: olhares de cidadãos-cidadãos se fazendo na cidade, 1958-1962*. Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.

PEREIRA, Carlindo Marques. *O Massacre de Ipatinga*. Departamento de Imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, 1984.

RAMALHO, Marilene Tuler. *O Massacre de Ipatinga: o contexto sócio-político do Golpe Militar de 1964 através de um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em História Social, USS de Vassouras, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_ . *A história do Sindipa*. 1995.

<sup>1</sup> Mestranda em História, Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ. 2006